

*Histórias e Imagens
de Angra dos Reis*

 **consciência
ampla cultural**



Curadoria de fotos
Simone Lopes

Organização
Nelson Freitas

Curadoria de textos
Antônio Torres

**ÁGUA
GRANDE**

Histórias e Imagens de Angra dos Reis



REALIZA O



APÓIO



Câmara Municipal
de Angra dos Reis
Estado do Rio de Janeiro - Brasil

PARCERIA



Prefeitura
de Angra



PATROCÍNIO



SECRETARIA
DE CULTURA
SECRETARIA DE CULTURA

Histórias e Imagens de Angra dos Reis: Uma fonte de orgulho. Um labor do tempo

Ao abrir as páginas deste livro, você será conduzido a uma viagem incomum, instigante e criativa. O testemunho de cidadãos e cidadãs a favor da memória e da identidade cultural de Angra dos Reis, o município onde nasceram, residem e construíram algum tipo de sentimento de pertencimento, produz muito encantamento. A bem dizer, ações dessa natureza devem ser permanentes na educação e na cultura de moradores de todas as cidades. Vale também ressaltar que Angra dos Reis é uma cidade que guarda em seu passado um importante legado do patrimônio documental, natural e cultural da história brasileira. O município nos oferece muitas narrativas da colonização do país que podem ser encontradas em igrejas, imagens sacras, na arquitetura preservada em prédios do centro da cidade, em aldeias indígenas e quilombolas. Além disso, o poder de encantamento da esplendorosa riqueza natural de Angra é capaz de paralisar os olhares mais desatentos. Essa é apenas uma parte de um conjunto de valores que é indispensável levar ao conhecimento de qualquer cidadão no mundo.

Conceber este livro como fruto de uma ação de seus moradores e convidar diferentes atores sociais para participar do projeto é uma das formas que encontramos para contribuir com a integração entre a cadeia produtiva de cultura local e a cadeia produtiva de cultura regional e nacional. Glauter Barros, cidadão pró-ativo nas questões de arte e cultura do município em que nasceu e reside, assumiu a produção executiva local. Já o renomado escritor Antônio Torres foi convidado para ser curador de textos, especialmente por estar ligado a vários produtores culturais e artistas de Angra dos Reis que trabalharam na pesquisa do romance “Meu querido canibal”, de sua autoria, e ambientado no município. Simone Lopes, produtora cultural e fotógrafa, que atuou como curadora de fotos, coordenou e fez o registro fotográfico do projeto Consciência Ampla Cultural em Angra dos Reis durante três anos consecutivos.

O projeto do livro fundamenta-se no compromisso de dar o máximo de visibilidade às tradições e às paixões construídas pela sociedade angrense. Nosso desejo é que os textos e as imagens presentes no livro possam conduzir o leitor a fatos que remontem à história do município, não exatamente como um passado que ficou distante e precise ser lembrado, mas sim como uma fonte de orgulho, um labor do tempo em plena existência do presente cotidiano para servir como referência de futuro.

Considerando que, antes de chegar ao livro “Histórias e Imagens de Angra dos Reis”, percorri três edições do Consciência Ampla Cultural com entusiasmo, empolgação e felicidade, quero aproveitar esta oportunidade para lembrar aqui esse percurso.

O primeiro Consciência Ampla Cultural em Angra dos Reis aconteceu em 2008, quando o projeto tinha o título de Festival Educação e Cultura Ampla. Após ser convidado pela Ampla, comecei imediatamente a desenhar alguns caminhos que o projeto poderia percorrer, mas tudo era muito incipiente. Tinha a convicção de que eu teria pela frente uma Angra bem diferente daquela que guardava em minha memória, decorrente de algumas vivências acumuladas no início dos anos 1980 e 1990. Lembrei-me logo de minha primeira visita a Angra, na virada de 1981, para ver a “Procissão Marítima”, quando me hospedei bem no centro da cidade. Naquele momento, Angra era uma cidade bem menor do que a Angra do século XXI, claro, mas não tímida, já que sua exuberância natural era suficiente para torná-la um local espontaneamente lúdico. Duas coisas que mais me vieram ao pensamento foram um parque de diversões situado bem no centro, muito frequentado pelos moradores da cidade, e o porto, com os barcos rumando à procissão, onde pude perceber que a maioria dos presentes era de turistas. A segunda vez em que estive em Angra foi para participar do Encontro de Teatro de Rua, no início dos anos 1990. Fiquei apenas um dia. Produzia um grupo de Teatro, o Agito Cultural, que fora selecionado para participar do tradicional evento como convidado. Nessa ocasião, dez anos após a minha primeira visita, a cidade já estava diferente, mais povoada em todo o seu entorno e com uma infraestrutura urbana maior.

Desde o primeiro momento, a prioridade na articulação do Consciência Ampla Cultural era interagir com produtores culturais e artistas da cidade e buscar, juntos, os meios necessários para produzir encantamento no público. Se Angra, por si só, já fascina com seu esplendoroso encontro de serra e mar, tínhamos diante de nós a singular oportunidade de proporcionar a artistas e público envolvidos a chance de construir e compartilhar conhecimento numa ação de artes e leitura que mobilizaria os setores de educação e cultura.

Eu vinha de uma experiência muito interessante, quando, em janeiro de 2008, realizamos o evento de estreia do Consciência Ampla Cultural (Festival Educação e Cultural Ampla) em Petrópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro. Apesar de termos alcançado êxito no formato da primeira edição, sabíamos o quanto é necessário modificar o projeto de

acordo com as expectativas e anseios presentes no imaginário popular de cada cidade. Para identificar essas demandas, seria de fundamental importância buscar nossa inserção na cadeia produtiva de cultura local com humildade e transparência. Fomos à Fundação Cultural de Angra dos Reis (Cultuar), agendados pela Ampla, através de Ana Paula Caporal e Beatriz Stutzel, e conversamos com o presidente, na época Mário dos Anjos, que nos articulou com sua equipe de trabalho, e colocou em rede a Secretaria Municipal de Educação para apresentarmos o projeto, assim como, logo em seguida, ele nos conduziu a uma acalorada reunião do Conselho Municipal de Cultura com o mesmo objetivo. Nessa oportunidade, convidamos os representantes de cada setor do Conselho de Cultura para participar do projeto, direta ou indiretamente.

Nos três anos de realização do evento em Angra, surgiram muitas adversidades e dúvidas, que vimos como chances de fazer novas descobertas e construir novas parcerias. Já os erros, encaramos como oportunidades para rever nossa metodologia. Os acertos, nossa obrigação. O que queríamos mesmo era surpreender pela criatividade

Cada edição do Consciência Ampla Cultural propiciou o fomento da cadeia produtiva de cultura local. O que não se resumiu apenas à contratação de artistas do município para que viessem a ter visibilidade pública à mesma altura dos renomados criadores e pensadores do cenário cultural nacional. Acrescenta-se a isso a contratação de produtores culturais para estarem à frente da realização do projeto, para que o público pudesse sentir-se representado no evento, também no âmbito da equipe técnica. Contratamos ainda prestadores de serviços do município, desde a locação de tendas e de sonorização a impressões de galhardetes, criação e produção de cenografia, entre outras demandas de infraestrutura. Claro que não tivemos a oportunidade de conviver, do ponto de vista profissional, com diversos outros artistas, produtores e prestadores de serviços de Angra dos Reis e, por isso, registro aqui o nosso agradecimento àqueles que, de alguma forma, somaram conosco nesse percurso, direta ou indiretamente.

Quero registrar também que, em 2008 e 2009, o governo de Angra nos proporcionou a utilização do belo e bem equipado Centro Cultural Theophilo Massad. Mais conhecido como Teatro Municipal, o prédio é uma singular relíquia do patrimônio arquitetônico de Angra dos Reis.

Já em 2010, a sede do projeto foi o Centro de Estudos Ambientais (CEA), em função das chuvas que castigaram o centro da cidade e destruíram parte significativa da infraestrutura do Centro Cultural Theophilo Massad. Tanto no Centro Cultural quanto no CEA, fomos recebidos com empenho e dedicação por profissionais que nos deram o suporte técnico necessário para somar conosco no êxito dos eventos.

Em diversas oportunidades, público e protagonistas tornaram-se coautores de um processo único de criação, que se fez presente nas três edições do Consciência Ampla Cultural em Angra dos Reis. Nesse contexto, vale lembrar que a programação do projeto ficou repleta de renomados criadores e pensadores do cenário cultural nacional, em atividades de pensamento e espetáculos, como Ferreira Gullar, Martinho da Vila, Roberto DaMatta, Haroldo Costa, Antônio Torres, Heloisa Seixas, Lúcia Fidalgo, Daniel Azulay, Stella Caymmi, Danilo Caymmi, Eucanaã Ferraz, Moraes Moreira, Bia Bedran, Kledir, Caíque Botkay, Affonso Romano de Sant'Anna, Marina Colasanti, Toni Garrido, Elisa Lucinda, e em oficinas de criação, com os artistas plásticos Domi Junior e Deneir, entre outras atrações. Ao mesmo tempo, a programação do projeto também dava visibilidade aos renomados criadores e pensadores do cenário cultural local, como o artista e contador de histórias Glauter Barros (Palhaço Picolé), o Experimental Cultura Popular, grupo coordenado pelo ator e produtor cultural Arundo Terceiro, o Grupo Cutucurim, o Palhaço Pamonha, o SpaSophia, o Coral Infantojuvenil, sob a regência de Bruno dos Anjos, o Coral da Cidade, sob a regência de Moacir Saraiva, a Orquestra Sinfônica de Angra dos Reis, os grupos de teatro e os atores que se apresentaram nas Mostras de Esquetes de Teatro de Angra dos Reis, mais especificamente em 2009 e 2010, quando fizeram parte da programação os grupos Tarja Preta, Ator-Doados, Cutucurim, os atores Ricardo Klayn, Bruno dos Anjos, Denildo Miranda, Andréia Machado, Valéria Moura, Marlene Ponciano, Roberto Athayde, Marina Gonper, Edilene Vieira, Abel do Nascimento, Edvam Machado, Bruno Marques, entre outros que talvez não tenham sido selecionados, mas que prestigiaram o projeto com suas inscrições na mostra.

Tivemos também atividades de pensamento com o tema “Memória e identidade cultural local”, com a participação de Ana Maris, Fernando Miguel, Aglaé Dias, Dilo Guasque, Miguel Assad e Ednéa Pascoal. No mesmo tema, apresentou performances o Grupo Jongo do Bracuí,

liderado por Délcio Bernardo, que também dividiu o palco com Haroldo Costa em uma atividade de pensamento, em 2009. Mais performáticos, tivemos os Poetas e Trovadores do Ateneu Angrense de Letras e Artes, além de algumas Folias de Reis em cortejos, que invadiram as ruas do centro metropolitano. Na linguagem do audiovisual, além da Mostra Internacional de Filmes de Animação do Anima Mundi em 2008 e 2009, exibimos “As folias de Manoel Ramos - Homenagem a um Mestre” em 2010, numa homenagem póstuma ao Mestre de Folia de Reis Manoel Ramos.

Importante ressaltar que essa exibição deveu-se ao fato de contarmos com o engajamento de Martha Myrrha e Alexandre Elias, que assinam o roteiro e a direção do filme, pois a produção estava ainda inacabada quando preparávamos o projeto, mas, devido ao empenho e à determinação necessários, os dois superaram todas as adversidades e agregaram enorme valor à agenda do evento.

No tocante às práticas de criação artística, registro a participação de Gustavo Valente, que criou bonecos com o público e também produziu bonecos gigantes para serem expostos por toda a cidade durante a realização do Consciência Ampla Cultural em 2009, e de Carla Fernanda, responsável pela oficina de criação de dobraduras de papéis. O destaque, a meu ver, ficou por conta da artista plástica A. Cássia na oficina de criação de pinturas com pigmentos naturais, em telas confeccionadas com materiais reciclados, tudo criado pela própria artista. Com o monitoramento de Viviane Santos, as oficinas idealizadas por A. Cássia encantaram o público. Fundamentalmente, por conta disso e também por A. Cássia ser uma pessoa de caráter, além de uma qualificada artista plástica, decidimos convidá-la para apresentar a oficina em outras praças do estado do Rio de Janeiro.

Neste breve espaço de papel, aproveito para registrar a convivência que eu e toda a equipe de produção do Consciência Ampla Cultural tivemos com diversos parceiros que contribuíram para que as ações do projeto conseguissem alcançar êxito em seus propósitos, entre eles Glauter Barros (Palhaço Picolé), Arundo Terceiro, Érico da Fonseca, Maria Helena Ururahy Campos da Fonseca, Mário dos Anjos, presidente da Cultuar em 2008 e 2009, Roberto Peixoto, presidente da Fundação Cultuar em 2010, e diversos outros atores sociais e gestores públicos de Angra dos Reis e da Ampla.

Na verdade, seria extremamente difícil para mim nomear todos os que contribuíram para chegarmos até este projeto. Eu teria de guardar muitas páginas deste livro para registrar todo o apreço que tenho pelo engajamento de todos aqueles que trabalharam conosco e ajudaram a fomentar ações com o objetivo de fortalecer a política cultural de Angra dos Reis. dos Reis melhor.

Para fechar este texto, quero lembrar que, para chegarmos à seleção de textos e fotos dos autores que compõem o livro "Histórias e Imagens de Angra dos Reis", publicamos um edital em versão impressa e na web. Aceitamos inscrições de pessoas de todas as idades, residentes em Angra dos Reis ou em todo o território nacional, incluindo estrangeiros naturalizados brasileiros, desde que apresentassem comprovada atuação na cidade de Angra no tocante ao fomento da identidade cultural local. As inscrições foram abertas no período de 22 de maio a 17 de junho e, posteriormente, prorrogadas até o dia 5 de julho de 2011. Além disso, quero ressaltar que um terço dos livros impressos foi por nós reservado para ser doado ao Fundo Municipal de Cultura de Angra dos Reis, com a alternativa de que sua venda auxilie a política cultural realizada pelo município. No mais, cabe-me também mencionar que este projeto foi viabilizado por meio de uma parceria que envolve o terceiro setor, o poder público e a iniciativa privada. "Histórias e Imagens de Angra dos Reis" tem a parceria da Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, através da Fundação Cultural, o apoio da Câmara Municipal de Vereadores de Angra dos Reis, a realização da Água Grande e o patrocínio da Ampla e do Governo do Estado do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Estado de Cultura - Lei de Incentivo à Cultura.

Boa leitura, prezado leitor.

Nelson Freitas
Organizador

PASSEIO ILUSTRADO NUM MAR DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Senhoras e senhores navegantes, sejam bem-vindos a estas páginas, nas quais cronistas e contistas contemporâneos nos convidam a um passeio ilustrado por uma das mais lendárias regiões do planeta já vistas por visitantes estrangeiros dantanho como o paraíso terrestre habitado pelo povo expulso do Gênesis. E não é por acaso que o primeiro a nos guiar nesta expedição se chame Camil Capaz, o incansável pesquisador da história de Angra dos Reis. Biógrafo de Raul Pompéia e autor também de um livro de poesias inspirado nas ilhas angrenses, ele já nos brindou com uma obra primorosa, que é mais do que uma síntese perfeita de todos os estudos históricos sobre o município que considera “uma dádiva do mar”.

Estamos falando das Memórias de Angra dos Reis, nas quais Camil Capaz acrescenta muitos pontos aos contos já contados, enquanto traz à tona personagens dessa região que estavam submersos nas águas do tempo, como o mitológico Cunhambebe, o cacique tupinambá cujo grito de guerra (Perós!) fazia a terra tremer e que, pela sua força e coragem descomunais, veio a ser considerado o Átila da floresta, a orgulhar-se de ter nas veias o sangue de mais de cinco mil inimigos. “Sou uma onça”, disse ele ao apavorado alemão Hans Staden, seu prisioneiro, enquanto degustava uns pedaços de carne humana. (E passemos a palavra ao professor angrense Camil Capaz: “Hans Staden esteve nove meses cativo dos tupinambás, no litoral fronteiro à Ilha da Gipóia, na atual Vila Velha, e narrou suas aventuras e desventuras num livro clássico, hoje a fonte primária mais importante do nosso passado mais remoto”).

É outro, porém, o livro clássico de que o mais atuante historiador de Angra na atualidade se ocupa, aqui e agora. Trata-se de “O Ateneu”, o célebre romance de Raul Pompéia, louvado por Mário de Andrade como “uma obra-prima indiscutível”. Isto para dizer que este volume que você tem em suas mãos inicia-se com um estudo feito por Camil Capaz sobre a fortuna crítica de “O Ateneu” no século XX, quando Pompéia viria a ser considerado “o estilo mais saliente do

romance brasileiro no século XIX, desde José de Alencar”, e a sua obra mais famosa passava a ser vista com mais clareza e objetividade. Ou seja: essa antologia começa com a história da consagração, pela posteridade, de um romance oitocentista, num trabalho de pesquisa da maior importância para a historiografia da literatura brasileira. A esta altura será preciso lembrar que Raul Pompéia, um nome fundamental das letras nacionais, é de Angra dos Reis?

Nossa viagem memorialística prossegue com lirismo: um poema assinado por Carlos Mambucaba, ao mesmo tempo evocativo das batalhas perdidas pelo povo “expulso do Gênesis” que aqui estava quando os conquistadores chegaram (Na conquista eminente,/ Os índios perderam espaço,/ na luta, sobreviventes,/ sob a força do branco aço) e do outro povo trazido a ferros para substituir os nativos (Os escravos, na labuta/ Com suor deixaram marcas...), quanto descritivo de históricos cenários (... tesouros até o caminho do ouro), para chegar ao presente em estilo futurista, quando “O minério com muita energia,/ no fluxo da água do dia,/ Alimenta os reatores”.

A evocação poética de Carlos Mambucaba do espaço perdido pelos índios nos leva a uma pausa para reflexão sobre a história de Angra dos Reis, que vem de tempos imemoriais, embora só tenha por marco a data em que os portugueses deram com os seus costados em suas águas e selvas de som, sonho e fúria, no dia 6 de janeiro de 1502. Isso porque os primitivos habitantes deste lado do paraíso, dito Novo Mundo, não dominavam a escrita, daí o seu destino haver-se esfumado em lendas.

2.

Fiquemos, portanto, com a versão que o tempo consagrou. E essa começa com a decisão de el-rey D. Manuel I, O Venturoso, de enviar, em maio de 1501, uma expedição de reconhecimento das extensões da nova terra achada por Pedro Álvares Cabral, em 21 de abril de 1500, cuja descoberta ficara restrita apenas a um lugar batizado de Porto Seguro, na Bahia. Conforme anota Eduardo Bueno no livro “Novo Mundo - As cartas que batizaram a América”, supõe-se que essa

expedição tenha feito as seguintes escalas: Cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, em 17 de agosto de 1501, Cabo de Santo Agostinho (Pernambuco), em 28 de agosto, Baía de Todos os Santos, em 1º de novembro, Porto Seguro, na segunda quinzena de novembro, Rio de Janeiro, em 1º de janeiro de 1502, e Angra dos Reis, em 6 de janeiro, dia dos Reis Magos. E mais: dia 20 - Ilha de São Sebastião, dia 22 - São Vicente. E dali teria seguido até a Patagônia. Vejamos agora o que Camil Capaz anotou, a propósito dessa viagem, nas Memórias de Angra dos Reis, no capítulo Cronologia:

“1502, no dia 6 de janeiro, chegam à Baía da Ilha Grande os primeiros navegantes portugueses em três caravelas. Na expedição, viajava Américo Vespúcio, florentino de espírito renascentista a serviço do rei D. Manuel. Ainda hoje há dúvidas em relação ao nome do comandante da expedição exploradora, apesar das variadas sugestões apresentadas por historiadores ao longo dos anos, todas evadidas de incertezas”. Tais dúvidas se devem à falta de registros em Portugal dessa viagem, pelo sigilo de Estado imposto por D. Manuel I, e também porque Américo Vespúcio, que escreveu sobre ela, não informou o nome do seu comandante. Mas, segundo Eduardo Bueno, “modernamente os historiadores tendem a aceitar a tese lançada em 1954 pelo almirante português Teixeira da Mota, de acordo com a qual o capitão daquela frota foi Gonçalo Coelho”.

O medo de D. Manuel I de que os espanhóis viessem a atrapalhar o seu projeto de conquista daquilo que Vespúcio chamou de “a quarta parte do mundo” deixou o navegador florentino com passe livre para se tornar o dono daquela viagem. Numa carta publicada em Paris em fins de 1503 ou início de 1504, endereçada ao financista de Florença Lorenzo di Pierfrancesco dei Médici, seu patrão e amigo, a quem chamava de “magnífico”, ele relatava sobre as novas regiões que, “por mando desse sereníssimo rei de Portugal, às suas custas e com sua frota, as procuramos e as encontramos, às quais é lícito chamar de Novo Mundo, porque nenhuma delas era conhecida dos maiores: é coisa novíssima para todos que ouviram falar delas”.

Portanto, Angra dos Reis entrou para a história do Novo Mundo já na primeira grande navegação dos portugueses depois da viagem de Cabral. E o Novo Mundo descrito por quem assim o batizou dava asas à imaginação do Velho Continente: era sem rei nem lei, com uma população imensa, impressionável pela sua total liberdade de costumes social e moral, pois desconheciam o pecado e todos viviam como haviam saído do ventre materno, em despudorada libidinagem, entregando-se perdidamente aos excessos amorosos. Doença era raridade e facilmente curável com ervas. Vivia-se 150 anos, caso não se morresse antes nas guerras tribais. Os homens eram fisicamente perfeitos e as mulheres formosíssimas, inclusive “nas partes que honestamente não podem ser nomeadas”. Além disso, os homens podiam possuir quantas mulheres desejassem, e elas, em sua luxúria, que excedia a imaginação humana, inventavam artifícios que tornavam o ato do amor mais excitante. Acrescentemos a isso as referências aos rituais antropofágicos e imaginemos o impacto causado aos corações e mentes do Velho Mundo.

Lida avidamente, a carta de Américo Vespúcio contabilizou em pouco tempo 25 edições em latim, italiano, alemão, holandês e tcheco. Esse sucesso retumbante foi esquentado por uma edição em Veneza, quando apareceu na capa, pela primeira vez, o título *Novus Mundus*. A sua repercussão se tornou mais espetacular ainda quando um editor, De Augsburg, em uma cartada genial, inseriu ilustrações que despertaram mais interesse ainda pelo documento. E depois vieram outras cartas, algumas tidas como falsas, o que pouco importava. Àquela altura, Vespúcio já tinha se tornado a figura mais lendária dos descobrimentos.

Para além do alcance popular, os seus relatos viriam a ter influência na construção teórica do estado natural do homem, iniciada pelo humanismo filosófico do século XVI. Foram lidos por Michel de Montaigne, Erasmo de Rotterdam, Thomas Morus, Rabelais, Nicolau Maquiavel, Leonardo da Vinci e Boticelli. E empanaram a aura heróica de Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral. Tanto quanto o brilho do escrivão Pero Vaz de Caminha, autor da carta a

el-rey D. Manuel, datada de 1º de maio de 1500, que o tempo consagraria como a certidão de nascimento do Brasil e também como uma crônica memorável, cheia de observações fabulosas sobre a terra, que lhe pareceu bela e rica, e seus habitantes, que os descreveu como se os pintasse: “A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar as vergonhas; e nisto têm tanta inocência quanto em mostrar o rosto”, escreveu Caminha, de Porto Seguro. Sua carta, porém, nem foi aberta pelo seu destinatário, que a largou sobre um móvel, onde não despertou a curiosidade de ninguém durante muito tempo. E foi por causa disso que Américo Vespúcio acabou patenteando para si próprio o continente que passaria a ser a América do Américo, apenas por ele haver escrito uma carta na qual o chamava de Novo Mundo, e com isso se tornou o mais lido dos cronistas dos Descobrimentos, deixando a Europa aturdida ao ver que havia um outro rosto além do seu. Um rosto selvagem, porém belo, com uma boca que comia carne humana para se refazer das energias despendidas nas batalhas. Pois assim vivia o velho povo do Novo Mundo: em festa ou em guerra.

Foi um tempo de sonho e cobiça. Em 1547, um jovem alemão saiu de casa, na pequena cidade de Homberg, no estado de Hessen, “para ver o mundo, viajar, cortar os mares”. No seu caminho estavam as cidades de Bremen, ainda na Alemanha, Campon, na Holanda, Setúbal e Lisboa, em Portugal, onde esperava embarcar rumo às Índias. Não encontrando navio em tal direção, engajou-se como artilheiro em outro, que estava de partida para o Brasil. Acabou indo parar em Pernambuco, de onde regressaria são e salvo, dezesseis meses depois. Descansou uns tempos, já pensando em ir mais longe. Em 1549, ele partiu de Sevilha com uns espanhóis que queriam chegar ao Rio da Prata e de lá seguir até o Peru, de onde esperavam voltar cobertos de ouro. O navio espanhol naufragou nas proximidades de uma praia chamada Itanhaém, no litoral de São Paulo, quando tentava alcançar São Vicente. Todos se salvaram a nado. O alemão resolveu ficar por ali, vindo a ser contratado pelos portugueses para combater os indígenas que

lhes eram hostis. Em 1554, foi capturado e feito prisioneiro dos tupinambás por nove meses, sob o terror de ser devorado pelos temíveis canibais. Eis, em resumo, as aventuras e desventuras de Hans Staden, que se tornaria um personagem da história de Angra dos Reis. E foi ele o autor do primeiro livro sobre o Brasil, publicado na Alemanha, em 1557.

Título: “Descrição verdadeira de um país de selvagens nus, ferozes e canibais, situado no novo mundo América, desconhecido na terra de Hessen antes e depois do nascimento de Cristo, até que, há dois anos, Hans Staden de Homberg, em Hessen, por sua própria experiência, os conheceu e agora publica, aumentada e melhorada diligentemente pela segunda vez”. Ou seja: a capa do livro era um resumo da obra, assombrosa, para os padrões da época. Foi um arraso comparável ao que Hans Staden presenciou ao ver o grande guerreiro Cunhambebe comandar uma batalha dos tupinambás contra os tupiniquins, concluindo que caíra em mãos de um gênio militar. E o chamou de “chefe supremo”. Foi sua salvação. Naquele ano de 1554, o mais temido, mais respeitado e mais odiado dos morubixabas andava com a vaidade à flor da pele por ter sido o escolhido, unanimemente, para chefiar a Confederação dos Tamoios, que uniu várias tribos amigas e inimigas num só exército, de Bertioga a Cabo Frio. Por que Confederação dos Tamoios? Porque significava a união dos mais velhos do lugar. (“Nós somos tamuyas. Vocês não são tamuyas”, diziam os tupinambás aos portugueses).

Mesmo sendo considerada fantasiosa demais, a história de Hans Staden provocou pesadelos nos seus leitores, que se viam digeridos por serem demoníacos, a lhes chuparem os ossos até os tutanos. Nas suas peripécias não faltaram ação, suspense, perigo, exotismo, azares, golpes de sorte e... milagres! Para Monteiro Lobato, que recontou as aventuras de Hans Staden para as crianças, elas representavam o melhor documento daquela época (século XVI), quanto aos costumes e mentalidade dos índios, e se equivaliam às de Robinson Crusóé, do livro de Defoe, talvez o mais popular do mundo.

Outro escritor viajante que teve algo a ver com Angra dos Reis foi o frade franciscano francês André Thevet, que fez parte da expedição de Villegaignon em 1555, no projeto de

criação de uma França americana, a França Antártica, no Rio de Janeiro, ao tempo do rei Henrique II. Em dois livros considerados fundamentais, Thevet descreveu a região da Baía de Ilha Grande, fazendo de Cunhambebe o grande herói das matas tropicais – ao publicar a sua estampa em Paris, na Galeria dos Homens Ilustres. Bom, história sobre Angra é o que não falta, nem faltará, como veremos a seguir.

3.

Como já falamos da resenha de Camil Capaz sobre a fortuna crítica de “O Ateneu” e do poema “Flores para Angra dos Reis”, de Carlos Mambucaba, agora passemos ao terceiro capítulo deste livro. Por uma dessas históricas coincidências, é Mambucaba - A Freguesia, a Estrada e a Vila com esse nome o assunto a seguir, no qual nada escapa a Francimar Pinheiro, o autor do texto: da origem da palavra, que vem do tupi, às encruzilhadas dos europeus nos caminhos dos guaianases, nos primórdios da colonização, chegando à era da cafeicultura. Praticamente todos os personagens que transitaram neste prefácio fazem parte da história que Francimar Pinheiro conta, recolocando em cena Gonçalo Coelho, Américo Vespúcio, Hans Staden, além de apresentar uma galeria de nomes que foram determinantes para o desenvolvimento da região no século dezoito.

Num salto para a contemporaneidade, Denise Constantino Fonseca, em “As amazonas da cultura”, conta a história do SPAsophia Cultura & Arte, iniciativa pioneira experimentada no bairro periférico da Japuíba, visando à democratização do livro e da leitura, e que ainda luta por um reconhecimento mais justo das autoridades no que concerne à sua relevância.

Na sequência, Edmeia dos Santos Feijó apresenta Prefeitos e Área de Segurança Nacional, um conciso relato político-eleitoral de Angra, do período colonial ao século XXI.

Em “O provedor Leandro José de Figueiredo”, Ériko Fonseca reivindica um lugar no panteão da história da cidade para aquele que considera um dos seus grandes benfeitores.

E nos oferece um levantamento histórico da Santa Casa de Misericórdia de Angra dos Reis, desde a sua fundação em 2 de julho de 1836.

As lendas que fazem parte do patrimônio cultural de Angra dos Reis são recontadas aqui por Maria Helena. Entre elas, a do frade que vagava pelo belo conjunto do Largo do Frade, assombrando as pessoas, as que se escondem sob as fantásticas ruínas do Convento São Bernardino de Sena, e mais e mais, como a da Carioca, sempre a causar fascinação.

Navegar foi preciso, lembra-nos Mirian Vargas, que refaz a história de Angra de forma lírica. Já Neyda Arcanjo nos leva ao passado da Igreja Matriz, com suas lendas, em prosa e poesia.

Há alguém mais a merecer o status de grande personagem de Angra, além de Cunhambebe e Raul Pompéia. É o que parece nos dizer Nilton Júdice Portugal em "Sebastião da água". Trata-se de uma minibiografia do seu avô, um humilde servidor da cidade que veio a ser agraciado com a Comenda Lopes Trovão pela Câmara de Vereadores.

Nilva Lopes Pereira conta como conseguiu fazer parte do grupo da Dança dos velhos, do qual hoje é treinadora, e que antes só aceitava a participação de homens. A história dessa dança também é muito interessante: foi trazida pelos portugueses no século dezessete.

Robson Santos Ferreira apresenta-se aqui como cronista no papel de um turista que chega a Mambucaba, a caminho de Paraty, e, enquanto degusta um peixe com banana e bebe uma cervejinha num restaurante popular, ouve conversas que o deixam maravilhado, misturando o presente e o passado, levando-o a concluir que, em Angra, o que aconteceu, o que acontece e o que acontecerá vivem juntos.

Iohana Freitas e Renata Abreu prestam um tributo ao poeta popular Sebastião Felício de Oliveira, o seu Tião do Monte Castelo, que só veio a conhecer as letras aos cinquenta anos. Um claro exemplo da importância do programa de educação de jovens e adultos (EJA). Atentemos para os três poemas dele aqui selecionados.

”As mudanças dentro dos tempos de mudanças”: nesse texto, Sílvia Alice Carvalho Soares evoca o casarão da Rua do Comércio, a Bica da Carioca, a Rua da Conceição, o carnaval antigo, com seus ranchos nostálgicos e blocos dos mascarados.

Tathyanne Christina Gonçalves Pereira Valdez conta a história das idas e vindas da Biblioteca Municipal de Angra dos Reis, até ser instalada no seu atual endereço à Praça Marquês de Tamandaré, 116, onde o público leitor pode dispor de um acervo de escritores locais.

Fim do prefácio. Começo das Histórias e Imagens de Angra dos Reis.

Bom passeio litero-histórico-recreativo.

Antonio Torres
Curador dos textos

Qual seria, no século XXI, o "sentido do belo"? Muitas vezes, ao ver filmes, exposições de artes, pergunto se alguns artistas perderam a autocrítica ou se eles não desejam que suas obras caminhem em direção à beleza.

Neste livro, procurei me ater especificamente à estética de qualidade artística em harmonia com a beleza, não necessariamente paisagística do ponto de vista natural, mas fotos que expressam o sentimento do fotógrafo. Nossa proposta editorial não é produzir um daqueles "livrões" de arte para ficar exposto em mesas. Nosso desejo é promover o intercâmbio, a integração entre o pensamento e a força criativa presente nas pessoas que, de alguma forma, construíram identidade com Angra dos Reis.

Desde que concebemos o projeto, nunca pensamos em selecionar apenas fotógrafos profissionais. Fizemos questão de informar às pessoas, no edital de inscrições, que o principal objetivo no processo de seleção seria observar o olhar dos participantes sobre a cidade, independentemente de quem estaria por trás desse olhar, se amador ou profissional. As "histórias e imagens" presentes aqui são fruto do envolvimento de uma comunidade pró-ativa, produtiva para a memória de Angra dos Reis. Eu mesma sou testemunha disso, já que pude perceber esse sentimento, durante três anos consecutivos, quando coordenei e também fiz o registro fotográfico do Consciência Ampla Cultural.

As pouco mais de seis dezenas de fotos reunidas neste livro, de 11 autores de Angra dos Reis, conduzem a caminhos diversos, sempre na direção do encantamento. São descobertas ao alcance do clique de uma máquina fotográfica, que contribuem, de forma relevante, para fortalecer a identidade cultural dos moradores com a sua cidade.

Nenhuma das fotos tem legendas. Apesar de sabermos que o leitor poderá nos cobrar esse tipo de informação, o nosso foco está intrinsecamente ligado à foto em si, ao registro simples que dá forma e conteúdo a diferentes momentos e a pensamentos diversos. E é para promover o encontro entre momentos e pensamentos que convidamos você a conhecer "Histórias e Imagens de Angra dos Reis".

Simone Lopes
Curadora de fotos



Fotos

| | |
|--|-----|
| Aline Lamoia Vilela _____ | 101 |
| Cimar Pinheiro _____ | 109 |
| Cylú Antonio Ururahy Campos Júnior _____ | 113 |
| Edson Rosa de Lima Filho (Edinho Lima) _____ | 121 |
| Felipe Campos Voto _____ | 127 |
| Felipe de Souza _____ | 141 |
| José Carlos de Freitas _____ | 151 |
| Mirian Josefina Vargas Wuleszny _____ | 165 |
| Renê Lorangeira _____ | 169 |
| Severino Belló _____ | 179 |
| Silvia Alice de Carvalho Soares _____ | 189 |
| _____ | |

















































ISBN 978-85-64627-01-7



9 788564 627017

